



Número 65 | Junho 2025

Cadernos do escritório Pro Monialibus

---

Roma, Cúria Geral OFM

# Comunhão e Comunicação



---

## **cTc comunione e comunicazione**

Quaderni dell'Ufficio Pro Monialibus  
Bollettino di collegamento fra i monasteri francescani in comunione  
con l'OFM attraverso l'Ufficio Pro Monialibus

*Sede dell'Ufficio Pro Monialibus*

Curia Generale OFM  
Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165 ROMA - Italia  
tel: +39 06 684919  
fax: +39 06 68491294  
e-mail: moniales@ofm.org

*Sede della Segreteria di Redazione:*

Monastero Santa Chiara  
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Italia  
tel: +39 0575 630360  
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

### REDAZIONE

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm  
Ufficio Pro Monialibus, Roma

Monastero Santa Chiara, Cortona

*Hanno collaborato:*

<i>Albania:</i>	Monastero Scutari	Fed. S. Chiara e S. Agnese d'Assisi
<i>Africa:</i>	Associazione Bikira Maria	
<i>Brasile:</i>	Monastero Anápolis	<i>Perù:</i> Fed. Inmaculada Concepción
<i>Francia:</i>	Monastero Cormontreuil	<i>Portogallo:</i> Monastero di Lisbona
<i>Germania:</i>	Monastero Münster	<i>Rwanda:</i> Monastero Nyamasheke
<i>Inghilterra:</i>	Monastero Arundel Monastero Hollington	<i>Spagna:</i> Monastero Allariz Mon. Hinojosa del Duque Mon. Mairena del Aljarafe
<i>Italia:</i>	Monastero Assisi S. Colette Monastero Borgo Valsugana Monastero Bressanone Monastero Cortona Monastero Lecce Monastero Pollenza Monastero S. Agata Feltria Monastero S. Severino M. Monastero Roma (S. Chiara) Fed. Regina Ordinis Minorum	<i>Uganda:</i> Monastero Mbarara <i>USA:</i> Monastero Alexandria Monastero Langhorne <i>Vietnam:</i> Monastero Thu Duc <i>Altri:</i> Curia generale OFM (Roma) Fr. Russel Murray, ofm (USA) Fr. Romano Dellazari, ofm (Brasile)

# Índice

Apresentação ..... 5

## OFÍCIO PRO MONIALIBUS

Carta do Delegado Geral ..... 7

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm - Roma, Itália*

**OUVI POBREZINHAS** ..... 13

AQUELAS QUE ESTÃO ATORMENTADAS POR ENFERMIDADE  
E AS OUTRAS QUE POR ELAS SOFREM FADIGAS ..... 14

...em Verona, Itália ..... 14

*Sr. Maria Giovanna Rama, osc*

...em Hinojosa del Duque, Espanha ..... 18

*As irmãs de Duque*

...em Alexandria, Virginia, EUA ..... 23

*Uma Irmã pobre de Alexandria*

...TODAS VÓS, SUPOREIS EM PAZ,  
POIS VENDEREIS MUITO CARO ESTA FADIGA

...em Thu Duc, Vietnã ..... 25

*Sr. Marie Jean François, osc e Sr. Anna Agnese, osc*

...em Mairena del Aljarafe, Espanha ..... 30

*Sr. M. José Hidalgo López, oic*

...VISTO QUE CADA UMA SERÁ RAINHA NO CÉU,  
COROADAS COM A VIRGEM MARIA.

...em Mbarara, Uganda ..... 33

*Sr. Mary Elizabeth Tushabe, osc*

...em Borgo Valsugana, Itália ..... 37

*As irmãs de Borgo Valsugana*



## **NÓS RECEBEMOS**

Clara e os estigmas de Francisco .....	42
<i>Ir. Frances Teresa Dowling, osc - Hollington, Grã-Bretanha</i>	
«São Francisco estigmatizado. A inovação materno-sacerdotal das criaturas» .....	48
«A Pureza do Coração» por Camilla Battista da Varano .....	50
<i>Giuseppe De Rosa</i>	

## **NOTÍCIAS DO OFÍCIO PRO MONIALIBUS**

A Federação “Imaculada Conceição” das Clarissas do Peru .....	53
Associação Bikira Maria das Clarissas Pobres de Língua Inglesa na África .....	54
<i>Ir. Tumelo Limata, osc</i>	
Federação “Regina Ordinis Minorum” do Itália .....	55
<i>Ir. Chiara Teresa Marotta, osc</i> <i>e Ir. Gabriella Chiara De Angelis, osc</i>	
Federação “S. Clara e S. Inês de Assis”, do Itália <i>Ir. Chiara Noemi Bettinelli, osc</i> .....	56



## Apresentação

Com muita gratidão e um pouco de emoção, apresentamos o № 65 de *Comunhão e Comunicação*, última etapa do caminho percorrido através das indicações dadas por são Francisco às Irmãs Pobres com as palavras de exortações, *l’Audite, poverelle*. Fazemos isso próprio no tempo cronológico que marca 800 anos de sua composição. Podemos reconhecer nesta coincidência um kairós, uma oportunidade para aumentar ainda mais “a consciência da grandeza e da atualidade da nossa espiritualidade franciscano-clariana que [a Audite Poverelle] manifesta e nos impulsiona a viver cada vez mais”, como disse fr. Fábio, Delegado Geral Pro Monialibus em sua carta de apresentação. Um agradecimento especial a ele por nos ter oferecido, de vez em quando, um comentário sobre as palavras de Francisco contextualizadas nos acontecimentos eclesiais de hoje e na realidade global das nossas comunidades.

Sobre o tema da doença e da participação na glória da Virgem Mãe Maria, que se abre para aqueles que “suportam em paz” as fadigas e tribulações que resultam da doença, nos ajudam a refletir os testemunhos de Verona (Itália), Thu Duc (Vietnã), Alexandria (EUA), Mairena del Aljarafe e Hinojosa del Duque (Espanha). Estes últimos são oferecidos pelas irmãs da Ordem da Imaculada Conceição (Concepcionistas), que são espiritualmente ligados à Ordem dos Frades Menores e acompanhadas pelo ofício Pro Monialibus da Cúria Geral ofm. Irmãs, vocês são bem-vindas novamente às páginas de *Comunhão e Comunicação*, depois de vários anos de ausência!

De Borgo Valsugana (Itália) e Mbarara (Uganda) recebemos notícias que conectam o presente com as raízes da fundação do mosteiro, destacando o perfil de Irmãs que determinaram uma história de santidade, de séculos ou déca-



das, e que de várias maneiras questionam e estimulam nossa resposta hoje.

A seguir, a conclusão do texto da Irmã Francisca Teresa (Hollington, Grã-Bretanha), que nos deu e nos dá a oportunidade de olhar e ouvir o acontecimento da estigmatização de Francisco com o coração de Clara, prolongando a graça na qual o Centenário de 2024 nos imergiu.

A seção “Recebemos”, neste mesmo espírito, nos informa também sobre um precioso volume aprofundado sobre São Francisco Estigmatizado. Apresenta ainda a coletânea de obras de S. Camilla Battista da Varano publicadas por ocasião do quinto centenário de sua morte (1524-2024).

Esta edição se conclui com a comunicação do resultado da Assembleia Eletiva da Federação do Peru.

O próximo se abrirá acolhendo testemunhos de experiências e reflexões sobre o *Cântico das Criaturas*, o qual estamos celebrando também o oitavo centenário. Aguardamos as contribuições de vocês sobre este tema!

Boa leitura!

# Ufficio Pro Monialibus

---

## Carta do Delegado Geral

Caríssimas Irmãs e Irmãos,  
que o Senhor vos dê sua paz!

Com este número da nossa revista, queremos levar em consideração as duas últimas estrofes das *Palavras com melodia* ditadas por S. Francisco às Damas Pobres de São Damião, conhecidas também como *Ouvi, Pobrezinhas*. Sobre essas palavras estamos refletindo já por dois anos. Exatamente agora enquanto escrevo estas linhas, nesses dias da primavera europeia de 2025, se celebra também os oitocentos anos do aniversário da composição do texto escrito por Francisco um pouco antes e nas mesmas circunstâncias, no qual encontramos muitos pontos em comum com o *Cântico das Criaturas* (cf. CA 83-85).

Com alegria fiquei sabendo das várias iniciativas de formação (reuniões de família, retiros, cursos nas federações, etc.) que estão acontecendo em inspiradas nas palavras de Francisco. Trata-se, de fato, de um texto que tem muito a dizer para nós hoje, porque deixa transparecer o essencial a respeito da Forma de Vida das Irmãs Pobres de Sta. Clara, que sempre novamente devemos ter diante de nós.

Por isso proponho uma reflexão muito simples a respeito destas últimas estrofes do poema divididas em três partes, onde procurarei evidenciar a sua relevância para nossa realidade atual de Irmãs Pobres e dos Frades menores.

*Aquelas que estão atormentadas por enfermidade  
e as outras que por elas sofrem fadigas...*

Nesta primeira frase da penúltima estrofe é evidente a realidade vivida em primeira pessoa por Clara e pelas coirmãs em S. Damião marcadas, devido em grande parte,



pelas condições materiais em que viviam e pelas dificuldades, na Idade Média, de ter acesso aos cuidados médicos que, para diversas doenças, ainda nem sequer existiam.

Nós, pelo contrário vivemos numa época muito diferente, na qual a medicina conseguiu debelar tantas doenças e para muitas delas existe cura.

Sabemos, porém que a realidade da doença está ainda presente entre nós e que também surgem novas doenças cuja cura, como deveria ser, nem sempre é acessível a todos. De fato, muitas Irmãs e Irmãos entre nós sofrem de doenças muito graves e são ajudadas pela grande dedicação das suas comunidades que, não sem fadigas, tantas vezes oferecem a elas os cuidados necessários e, sobretudo, seu afeto e suporte espiritual.

Naturalmente também podemos tomar como enfermidade não somente as nossas dificuldades de saúde física, mas também todas aquelas situações de fragilidade pessoal e comunitária que somos chamados a reconhecer e a assumir. Em muitos lugares, de fato, por motivos os mais variados, não é mais possível que a comunidade viva uma vida religiosa e contemplativa em sua plenitude e dignidade.

Esta realidade, porém, irmãs e irmãos, não deve ser vista de forma negativa, pois ela se apresenta como uma grande oportunidade para que cada um de nós possa viver o mandamento mais importante, a lei de Cristo.

Ela ajuda-nos a carregar o peso uns dos outros (cf. Ga 6,2), não somente dentro da nossa comunidade ou província, mas na dimensão ampla de federação, confederação, conferência e Ordem. E é propriamente sob esse olhar no seu conjunto sobre a Ordem hoje que foi redigida a proposta do texto das novas constituições gerais que chegou às vossas mãos.

*...todas vós, suportai-as em paz,  
pois vendereis muito caro esta fadiga...*

Com estas palavras, Francisco convida as Irmãs de São Damião a viver em paz todas as situações de enfermidade.



Mais ainda. Francisco observa que elas assim já viviam as numerosas tribulações que caíam sobre elas sem jamais perder a paz e alegria interior.

É isso que senti na carne durante as minhas visitas aos mosteiros de tudo o mundo: a grande força interior de tantas irmãs que suportam doenças muito graves, mas em cujo rosto irradia a paz e de cujos lábios transbordam palavras de gratidão. Exatamente são estas as irmãs que vivem a essência do carisma porque, despojadas de tudo, abraçam e seguem o Cristo pobre até o fim (cf. 2LAg 18) e, portanto, são verdadeiramente felizes e abençoadas.

Mas elas não são as únicas abençoadas, porque neste poema Francisco estende também às irmãs que as assistem aquela beatitude que, no *Cântico das Criaturas*, tinha atribuído somente àqueles que suportam *doenças e tribulações* (cf. *Cant* 25).

Esta paz e esta alegria em situações de grande sofrimento e fragilidade somente são possíveis em virtude de uma realidade superior que dá sentido a tudo. Para nós cristãos não pode ser outro, ou seja, o próprio Senhor, seu amor e seu reino: a pérola preciosa, o tesouro escondido no campo para o qual vale a pena vender tudo, isto é, oferecer tudo. Exatamente é esta experiência que Francisco faz naquela noite de tantos tormentos quando, tentado pela autocomiseração, descobriu o valor do tesouro do amor e da divina misericórdia, que vale mais do que qualquer outra coisa e assim prorrompeu naquele comovente hino de louvor ao Senhor: o *Cântico das Criaturas* (cf. CA 83).

Somos, pois, convidados a interrogar-nos a respeito da centralidade do amor do Senhor em nossa vida pessoal e comunitária, perguntando-nos se seu Reino efetivamente é o sentido último de tudo que somos e sofremos, se é nosso verdadeiro tesouro, porque onde está vosso tesouro, aí estará também nosso coração (*Mt* 6,21).



*...visto que cada uma será rainha no céu,  
coroada com a Virgem Maria.*

Se vivemos tudo isso nesta perspectiva escatológica de fé, então nossa existência terá uma dimensão de eternidade, porque no reino dos céus acontecerá plenamente a nossa participação na sua vida e no seu amor.

Exatamente sobre esta dimensão de eternidade que a última frase do *Cântico* de Francisco nos conduz anunciando a grande promessa que a vocação das Irmãs Pobres contém: a participação no mesmo destino de glória da Virgem Maria, a “santa Senhora rainha” (SV 1), de tal modo que “irmãs pobres de São Damião constituam a corte terrena das filhas e servas do altíssimo sumo Rei, na esperança de serem coroadas com a santa rainha Maria”.

Isso com a condição, porém, que nesta vida procurem “seguir a vida e a pobreza de nosso Altíssimo senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e de perseverar até o fim” (UV 1), ou seja, que percorram esta estrada que Maria palmilhou neste mundo: ou seja, estrada da pobreza, do serviço e da humildade. Somente então, por graça e misericórdia do Pai das misericórdias (*TestsC 2*), se realizará a grande esperança e acontecerá a grande passagem na vida de cada Irmã Pobre: a de *Pobrezinha* à Rainha!

Neste ano Jubilar da Esperança, desejo pois a todas e a cada Irmã em particular, que “o Deus nosso, Jesus Cristo, Pai da glória ilumine os olhos do vosso coração a fim de que compreendais a qual esperança vós fostes chamadas” (*Ef 1,18*), a fim de que possais sempre mais percorrer o caminho da pobreza, do serviço e da comunhão, sustentando-se mutuamente na vossa fragilidade e, numa prospectiva de fé no invencível amor de Deus, sempre conservar a paz e alegria do coração.

Aproveito a ocasião para agradecer a todos aqueles que, nos últimos números da nossa revista, contribuíram



com reflexões e experiências inspiradas na *Audite, Poverelle*, assim como as dedicadas irmãs da redação e outros tantos que colaboraram nas traduções. Creio que todos nós temos crescido, não somente no conhecimento do texto de Francisco, mas mais ainda no conhecimento da grandeza e da atualidade da nossa espiritualidade franciscano-clariana que ele deixa transparecer e nos empurra para vivê-la sempre mais.

Um fraterno abraço a todas e a todos e que Deus nos abençoe!

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm  
Delegado Geral Pro Monialibus*

Agradecemos de coração às Irmãs e Irmãos que contribuíram para a realização deste número 65 da revista.

Recordamos que o **cTc 66** sairá em **dezembro de 2025**.

Convidamos todos a colaborarem com testemunhos e/ou reflexões de experiências, até o mês de setembro.

***Tema: O Cântico das Criaturas.***

# Ouvi Pobrezinhas

---



Francisco entrega a Regra a Clara  
(*Miniatura do Códice do Mosteiro de Novaglie*)

# Aquelas que estão atormentadas por enfermidade

## ...em Verona, Itália

Queridas Irmãs, com um abraço de olhares e de coração, com timidez e trepidação, ousou balbuciar algumas palavras de uma linguagem conhecida por todos os homens e mulheres, mas que deve ser sempre aprendida a expressá-la nas profundezas da sua riqueza: a doença e a dor física.

Ai de mim, como falar nessa língua, que tem palavras que não gostaríamos de conhecer e pronunciar, mas que é tão capaz de compreender, de tecer relações, de viver em comunhão!

Há 27 anos, como o dom da vida recebido no amor gratuito do Senhor que me chamou, tenho vivido, embora com passos sempre a serem renovados, a nossa *Forma de Vida*



no Mosteiro de Santa Elisabete, em Verona, Itália.

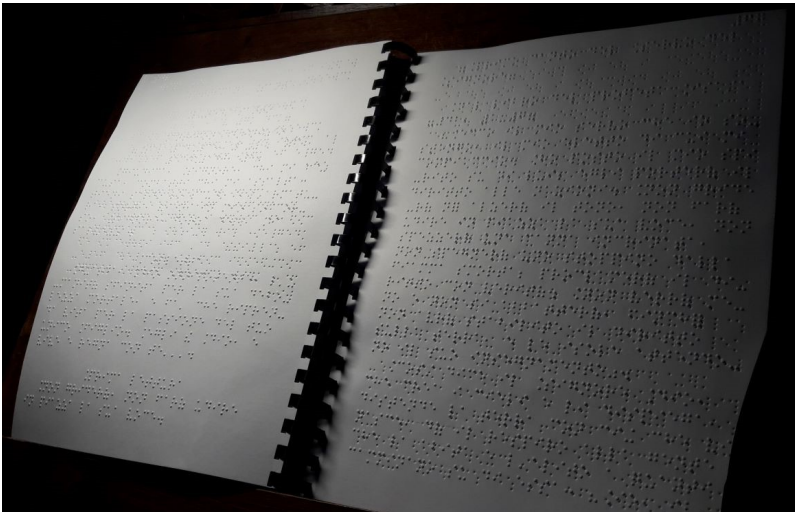
Também eu, como toda jovem que deseja discernir sua vida no mosteiro, bateu com trepidação à sua porta, fortalecido por uma Palavra ouvida durante uma confissão: "Bata e ela se abrirá para você! (cf. Lc 11,9)». Trazia no coração estas palavras do Evangelho, a alegria de me sentir amada, o desejo de amar para viver «escondida em Cri-



sto» pela humanidade (cf. Cl 3,3); No entanto, eu temia um obstáculo: a doença física, que desde os primeiros anos de vida me acompanhou com seus desafios e recursos.

Eu era apenas uma criança quando, talvez por um erro médico, comecei a ter problemas de visão, uma doença que gradualmente se desenvolve em sua gravidade. No entanto, esse evento não me impediu de viver minha infância e juventude de uma forma quase normal como qualquer menina. Obviamente, não faltaram fadigas inevitáveis, incompreensão, algumas humilhações... mas conseguia cumprir meus pequenos compromissos, como o desempenho escolar, também graças aos muitos dons e habilidades que o Senhor me deu, como ter uma boa memória.

O maior dom, porém, que me ajudou a viver a mesma vida como dom a ser acolhido e restituído, foi e é o amor de meus queridos pais que, em sua simplicidade, movidos pelo amor cuidadoso pela filha, me educaram para uma boa autonomia pessoal. Mais tarde, quando já estava no Mosteiro, aprender Braille e a tecnologia devolveu-me a autonomia da leitura e da escrita, que eu tinha perdida ao longo dos anos. Tudo isso para mim é um dom!





Assim, guardo em meu coração a preciosidade de um tesouro escondido no campo da minha vida (*Mt 13,44*), que no dom abraçado da vocação clariana, me torna irmã de cada homem e mulher.

Sinto este aspecto da minha vida como uma possibilidade de comunhão, um dom que abriu o meu coração ao olhar do Senhor que diz a todos os seus filhos: «Vós sois preciosos aos meus olhos!» (*Is 43,1-4*).

E, detendo-me diante de Jesus na Eucaristia, com que apreensão deixei ressoar em mim o convite que nossa Mãe Santa Clara disse a Inês e agora a todas nós: "Coloque seus olhos diante do espelho da eternidade, coloque sua alma no esplendor da glória, coloque seu coração n'Aquele que é figura da substância divina, e transformados inteiramente, através da contemplação, na imagem da divindade d'Ele".

Caríssimas Irmãs, bebendo da única Fonte de luz, mesmo que apenas como um leve reflexo, sinto minha pequena missão de rezar por tantas realidades de dor e escuridão, lágrimas e suspiros que também me são confiados pelas pessoas que vêm ao parlatório com seus problemas e ansiedades, lutas e esperanças.



Aproximando-me assim de outras trevas e noites, compreendi que esta minha doença é preciosa no seu silêncio, que em Deus pode tornar-se uma palavra, embora tímida e simples, de compreensão e de acolhimento para cada irmão e irmã. Como é maravilhoso perceber a presença do Senhor em cada situação: em meio às luzes das alegrias simples, ou em meio às primeiras nuvens de incerteza e dúvida, ou na noite de tantos dramas. Pois bem, pela certeza de que o Senhor está sempre perto de nós, juntos podemos sempre louvá-lo



com o cântico: “Bendizei ao Senhor noite e dia, bendizei ao Senhor luz e trevas!” (*Dn 3,71-72*)

Com este louvor, ousando fazer eco a algumas palavras de nossa Mãe Santa Clara, somos todas gratas ao Doador, ao Pai das Misericórdias, que nos chamou para o grande dom da nossa vocação; e nesta comunhão agradeço também a cada uma de vocês, Irmãs, porque ali, onde a Providência vos chamou, sem temer “qualquer penúria, pobreza, fadiga e tribulação, nem ignomínia ou desprezo do mundo”; vocês são espelhos para tantos irmãos e irmãs, porque compartilham o que está no coração de vocês, certas de que Ele sempre cuidará de nós!

Da mesma forma, agradeço ao Senhor pelas Irmãs da minha fraternidade, pelas Irmãs que conheci em alguns cursos de formação, mas também, com predileção, agradeço e recordo as muitas Irmãs que passaram pelo nosso Mosteiro, também acompanhadas pela “irmã doença”. De fato, graças à posição geográfica do nosso Mosteiro, o qual é possível chegar, com uma certa facilidade, os vários hospitais da Cidade, hospitais que gozam até de fama internacional pela sua pesquisas médicas; algumas Irmãs de várias partes da Itália e também da Albânia, foram hospedadas por nós, pelo tempo necessário para visitas e possíveis cirurgias, e para a convalescença.

Neste abraço fraterno, unânime no “Magnificat” pelo dom do Jubileu, cada um de nós, com a sua história de alegria e de dor, de luz e de trevas, rezemos juntas, com toda a Igreja, ao Pai das Misericórdias para que nos abençoe e guarde sempre: “Que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ilumine os olhos dos nossos corações, para que entendamos a que esperança Ele nos chamou, que tesouro de graça Ele contém entre os seus santos» (cf. *Ef 1,17*)  
Junta com minha Mãe e Irmãs, um abraço fraterno,

*Ir. Maria Giovanna Rama, osc*  
clarisseverona@gmail.com



## ...em Hinojosa del Duque, Espanha

### Meu Deus e meo tudo

*Sobre a enfermidade a partida ao céu de nossa Irmã M<sup>a</sup> de los Ángeles Martínez Prados.*

No verão do ano de 2018, com 48 anos de idade, nossa Irmã M<sup>a</sup> de los Ángeles foi diagnosticada com uma enfermidade degenerativa chamada *demência semântica*.

Há algum tempo ela vinha trocando algumas palavras, que, no princípio, dado a seu carácter um tanto brincalhão e seu grande senso de humor, acreditávamos que fazia de propósito, para brincar, porém como as confusões foram aumentando cada vez mais, decidimos consultar um especialista.



Quando o neurologista lhe comunicou o diagnóstico, ela, plenamente consciente, lhe perguntou com toda candura o que significava “demência”.

O médico a olhou com ternura e lhe explicou com simplicidade..., e ela aceitou sem objeções, sabendo-se amada por Deus. Esta maneira de ser caracterizou todo o



transcurso de sua enfermidade: por uma parte, **aceitar** com naturalidade e até mesmo com alegria o que humanamente se tende a rejeitar, vendo como vontade do amor de Deus; e por outra parte destilava ternura, sorrisos e caridade a todos os corações.

Apesar de que o médico nos havia dito que passaria por etapas em que se tornaria muito agressiva, não foi assim; é verdade que passou por distintas etapas, que se sucederam umas às outras muito rapidamente, porém em nenhuma delas perdeu seu senso de humor e sua entranhada caridade; ainda que, perdendo progressivamente a fala, tinha capacidade de expressar-se.

“*Tudo, tudo, tudo*”... foi sua única e repetida palavra com a qual se expressava nos últimos anos; e a pronunciava de forma graciosa mudando de tom segundo a necessidade, (lembramos que “Meu Deus e meu tudo” foi a frase escolhida por ela para a lembrancinha de sua Profissão e que no final, quando já não falava nada.... foi tomada inteiramente pelo Tudo); inclusive, mais adiante, quando já não podia falar nada





e, seu corpo paralisado apenas podia mover-se, em seu silêncio, em seu olhar e em sua limitação falava de Deus, testemunhava a Cristo. Chegava a todos em sua imobilidade; em sua rigidez irradiava o Amor, como nosso Redentor na Cruz; e em sua paralisia total nos moveu a todas à caridade e em sua pequenez, o Senhor mostrou sua grandeza, e a glorificou, e assim ela Glorificava a Deus.

*“Alegra-te filha de Sião, canta, filha de Jerusalém; olha o teu Rei que vem...”*. Estas palavras do profeta Zacarias que rezávamos no domingo de Ramos vinha justamente para nossa querida irmãzinha, prostrada no leito deste o dia 13 de março de 2024.

Em sua longa agonia, não sabíamos se São José viria lhe



buscar; porém São José cedeu o lugar à Virgem, a quem tanto ela amava, para que recolhesse sua alma e apresentasse a seu Filho, acontecendo sua morte na segunda-feira da Semana Santa, (1.30h da madrugada) e coincidindo com o dia 25 de março, dia da Anunciação. Ainda que este ano não se celebrasse liturgicamente, nossa comunidade viu como um detalhe de predileção de Deus por ela, um dos muitos que testemunhamos.



Após Madre proclamar o Evangelho da Anunciação, (o qual é muito importante para nós por nele conter uma consagração mariana: “Faça-se em mim, faça-se em mim”...) em seus braços e rodeada por um ramalhete de Irmãs, Irmã M<sup>a</sup> de los Ángeles nasceu para a Vida Eterna.

*“Somente o amor de Deus pode abrir-me a porta de sua intimidade, e o Espírito Santo é o Amor que me abre essa porta, que me permite contemplar a Vida íntima de Deus. Busco o céu, não a terra, que é uma tenda que terei que deixar um dia”.* (texto escrito por nossa Irmã M<sup>a</sup> Ángeles que foi lido antes de sua sepultura)

Todos nós que participamos da Missa de seu funeral tivemos a graça de viver uma Páscoa antecipada, porque parecia que se tocava o Céu. Colocada diante do altar, com Jesus Sacramentado desde a noite anterior, lugar onde anos antes, prostrada por terra, havia se consagrado definitivamente a Ele pela sua Profissão Solene, agora seu corpo estava ali, inerte, adornado com uma coroa de flores, com um ramo verde de oliveira e a cruz que ela mesma havia pintado no início de sua enfermidade com as palavras: “Vítima viva”.

Ali estava esta humilde e bendita esposa de Cristo, consumando sua entrega e sendo velada por Aquele a quem ela tantos dias e noites havia velado em adoração.

Sem dúvida, esta última Missa foi uma passagem do Senhor, sentindo-se também a presença da Virgem, a Imaculada, pela doçura, a paz e a comunhão que se respirava no ambiente e ainda que sentíssemos dor, respirava-se uma serena e profunda alegria que contagiava a todos. Foi comovente ver como não apenas sua família, mas muitas pessoas não crentes permaneceram desde a noite anterior na igreja, em silêncio, - silêncio que reinou no templo em todo momento!- contemplando, rezando, louvando...

Como canto final, foi entoado o que resumia perfeitamente a vocação e a vida de Irmã M<sup>a</sup> Ángeles: *“Seduziste-me, Senhor”*. Quantos corações o Senhor haveria seduzido



por meio desta consagrada semeadora de esperança que de tal maneira se deixou amar por Deus e por todas as irmãs!

*Comunidade de Hinojosa del Duque*





## ...em Alexandria, Virginia (EUA)

### **Audite Poverelle: Um cântico de esperança**

“As que estão por doença agravadas e as outras que por elas estão fatigadas, umas e outras suportai-o em paz, pois havereis de vender bem caro essa fadiga, porque cada uma será rainha no céu coroada com a Virgem Maria”.

Mesmo fora da família franciscana, muitos católicos estão familiarizados com o *Cântico das Criaturas* de São Francisco, que é cantado nas igrejas paroquiais. Poucos conhecem o segundo cântico que ele escreveu naquele mesmo ano, o *Cântico de Exortação às Damas de São Damião*. Esse cântico de exortação é comumente chamado por suas palavras iniciais, *Audite Poverelle*, que significa "Escutai, pobrezinhas".

Além de este ser o ano do 800º aniversário de sua composição, também é o Ano Jubilar da Esperança. É um momento oportuno para refletir novamente sobre o Audite e sobre a história franciscana de esperança que o inspirou.

Nos últimos anos de sua vida, São Francisco estava debilitado por uma doença prolongada e quase cego. Sensível à luz do dia, permaneceu em uma cela escura por muitos dias e sentiu-se desanimado. Em seu cansaço, orou a Deus pedindo ajuda. Uma voz respondeu à sua oração e lhe falou do imenso tesouro que ele receberia como recompensa por seu sofrimento. Finalmente, a voz lhe disse:

"Regozija-te, Francisco, porque este é o tesouro da vida eterna que preparei para ti e cuja posse já te concedo desde agora; e esta doença e aflição são penhores desse bem-aventurado tesouro!"

Pouco depois de receber essa graça, São Francisco compôs alegremente dois cânticos: o *Cântico do Sol* e o *Cântico de Exortação aos Irmãos Pobres*. Ele enviou seus Irmãos aos Irmãos de São Damião para cantar seu novo cântico, Audi-



te Poverelle, a fim de consolá-las em sua dor diante de sua valente aceitação da enfermidade.

Os versículos finais da Exortação ecoam as palavras de consolo celestial que São Francisco ouviu. O *Audite* encoraja as Irmãs a suportarem em paz sua doença e cansaço, pois seu sofrimento será transformado em algo maior no Reino Celestial, onde serão coroadas rainhas. São Francisco recebeu a graça de compreender que o sofrimento é, na verdade, motivo de alegria e esperança, por causa do que nos aguarda no céu. Ele desejava que as Irmãs abraçassem essa mesma esperança. Com o mesmo alento que Deus lhe havia dado, São Francisco consolou suas Irmãs.

Nossa Mãe Santa Clara, fiel discípula de nosso Pai São Francisco, sempre levou a sério seus ensinamentos. Muitos anos depois, quando estava prestes a morrer, o irmão Reinaldo a encorajou a ser paciente em sua dificuldade. Santa Clara "respondeu com voz clara e serena: Desde que conheci a graça de meu Senhor Jesus Cristo por meio de seu servo Francisco, nenhuma dor me foi incômoda, nenhuma penitência pesada, nenhuma doença, querido Irmão, difícil."

Tanto São Francisco quanto Santa Clara viveram na esperança da vida eterna, de modo que, mesmo nas provações da vida presente, demonstraram uma alegria que é fruto da esperança. E, na hora da morte, consolaram aqueles que estavam mais próximos deles.

Que, neste Ano Jubilar da Graça, todos sejamos renovados pela virtude da esperança, exemplificada na vida de nosso Pai, São Francisco, e de nossa Mãe, Santa Clara.

A exortação de São Francisco no *Audite* ainda nos fala hoje, se ouvirmos atentamente este Cântico de Esperança.

*Por uma Irmã Pobre de Santa Clara*

**...todas vós, suportai-as em paz,  
pois vendereis muito caro esta fa-  
diga...**

## **...em Thu Duc, Vietnã**

### **Os desafios da vida das clarissas no Vietnã**

A espiritualidade da Mãe Santa Clara ainda é desconhecida em nosso país. Eu mesma não sabia que existia a Ordem de Santa Clara até chegar ao mosteiro. No entanto, aqueles que nos conhecem e têm contato conosco amam nossa simplicidade, nossa alegria e nossa pobreza.

Quando uma candidata escolhe a vocação das Clarissas no Vietnã, é um ato corajoso, fruto da graça de Deus - visitar os pais apenas quando estão gravemente doentes, moribundos ou falecidos. Para os povos da Ásia, especialmente os vietnamitas, a piedade filial para com os pais é uma prioridade absoluta.

Quanto a mim, cresci em uma família de quarto irmãos: três meninos e uma menina. Seguir um chamado é uma grande graça de Deus. Mas meus pais não aceitaram realmente. O que os preocupa e incomoda é que, quando forem velhos e fracos, não poderão viajar longas distâncias para me visitar e, portanto, não poderão me ver.



Em nosso tempo, como diz frequentemente o Papa Francisco: os idosos são esquecidos, abandonados. Sempre temos o dever de rezar por nossos pais, mas será que isso é realmente suficiente para preencher a solidão deles quando envelhecem e para corresponder à piedade filial dos filhos? Ou será que às vezes também é necessária



uma pequena presença, ainda que silenciosa e modesta, para consolá-los?

Essa questão não se apresentou na casa de Santa Clara, pois toda a sua família vivia no mosteiro.

As pessoas comuns não compreendem nosso modo de vida ao verem que nossos pais não são assistidos quando estão doentes, especialmente quando ficam acamados (paralisados) durante muitos anos sem receber visitas dos filhos. Às vezes me pergunto se deveríamos permitir que as irmãs visitassem seus pais doentes em ocasiões especiais, como o "Tet" na cultura vietnamita, para demonstrar sua piedade filial para com os pais.

*Ir. Marie Jean François, osc*

## I. DESAFIO

**Primeiro desafio:** Do meu ponto de vista, vejo um desafio comum para a vida consagrada e, particularmente, para as Irmãs Clarissas no Vietnã hoje: a situação das vocações está em declínio, a geração mais jovem raramente escolhe a vida contemplativa em um mosteiro de clausura. Será que o valor do Reino dos Céus é menor que o valor do mundo?

Mais especificamente, no mosteiro das Clarissas de Thu Duc, nos últimos anos, uma ou duas jovens vieram para conhecer a vocação e o estilo de vida das irmãs. Muitas pessoas têm medo da porta da clausura: aquelas que entram nesta Ordem não podem ir à casa visitar seus pais (a menos que estejam gravemente doentes, moribundos ou tenham falecido). No Vietnã, a piedade filial é muito valorizada. Além disso, os vietnamitas são profundamente emotivos e têm laços familiares muito fortes.

O amor pelos pais está presente desde a infância até a vida adulta, e deixar o lar acolhedor e os braços dos pais faz com que, mesmo ao escolher seguir a Deus, os laços sanguíneos fluam intensamente e transbordem no coração de cada pessoa. Quando decidi entrar para o mosteiro, todos



diziam: "Existem tantos mandamentos a seguir, por que escolher esse? Sofrer, não poder voltar, não saber nada do mundo exterior...".

### **Segundo desafio:** Problemas de saúde no Mosteiro

A saúde é muito importante na vida religiosa. Algumas pessoas desejam seguir a vida religiosa, mas sua saúde não permite. Por isso, percebo que enfrentar doenças graves e incuráveis é um grande desafio.

Hesitação no tratamento: Uma parte de nós também deseja resistir, por amor a Deus e por nossa união com Ele, mas quando a doença se agrava e exige intervenção médica, o tratamento se torna um problema que precisa ser enfrentado. É uma pena que o mosteiro não tenha os meios, embora saibamos que, ao seguir a Deus, Ele encontrará uma maneira de cuidar de nós, e o mosteiro tentará cuidar de nós. Mas, na realidade: doenças graves exigem tratamento a longo prazo, não uma cura única, o que requer que o paciente supere muitos obstáculos para ter força e uma fé sólida. Colocando-se nessa situação, é realmente necessário ter a graça de Deus.

Sem falar da convivência com Deus e com a comunidade: não para servir a Deus como gostaríamos, nem para servir às irmãs, mas para nos tornarmos um fardo para todos. Porque, como seres humanos, não conseguimos evitar esses pensamentos, especialmente se nos falta fé e confiança em Deus.

## **II. VANTAGEM**

Além dos desafios, também há muitas vantagens. A maioria de nós vem de famílias com uma base moral e amor por Deus, porque herdamos a fé de nossos avós e pais. Crescemos em uma diocese com muitas vocações de dedicação, que nos atraíram, difundindo muitas características belas e significativas e verdadeiros testemunhos de discípulos que seguiam a Deus. A maior parte de nossa família é



formada por agricultores; portanto, Deus nos concedeu a virtude da diligência e a capacidade de superar dificuldades. Quando entramos na vida religiosa, nos adaptamos facilmente e não tememos as dificuldades.

O povo vietnamita ama e respeita aqueles que se tornam monges, por isso o mosteiro recebe ajuda de benfeitores e familiares nas necessidades básicas (alimentos, utensílios...), e por meio de suas orações, as irmãs recebem apoio em suas vidas.

### **III. RELAÇÃO COM OS FRADES MENORES:**

As Irmãs também recebem ajuda dos Frades Menores em sua vida espiritual: celebração da Missa, sacramentos, formação, visitas... E, quando precisam da ajuda dos irmãos para o trabalho, eles são sempre bem-vindos. Os Frades Menores do Vietnã cumprem sempre a promessa do Santo Pai Francisco às Irmãs da Segunda Ordem: "...quero e prometo ter sempre, por mim mesmo e por meio dos meus irmãos, diligente cuidado e especial solicitude por vós, não menos do que por eles".

### **IV. CUIDADO COM AS ENFERMAS:**

"As que estão por doença agravadas e as outras que por elas estão fatigadas, umas e outras suportai-o em paz, pois haveis de vender bem caro essa fadiga, porque cada uma será rainha no céu coroada com a Virgem Maria" (AP 5-6).

As palavras de encorajamento e inspiração de São Francisco às Irmãs Clarissas ainda ressoam nos dias de hoje. Nascimento-Envelhecimento-Doença-Morte são as leis inevitáveis dos seres humanos. E os vietnamitas costumam dizer: "Um bom médico é como uma mãe". Isso é claramente visível nas irmãs do mosteiro. As irmãs se sacrificam muito por amor a Deus, vendo Deus nas irmãs doentes, e por isso seu serviço é muito atencioso e dedicado. Ao cuidar das irmãs doentes, fornecer medicamentos, alimentos, atenção diária, acompanhá-las ao hospital, há momentos em que



abrem mão da própria saúde e descanso para cuidar das outras. Eu mesma fui cuidada pelas Irmãs quando estive doente, então posso sentir seu amor e dedicação por mim e pelas demais irmãs. Dou graças a Deus por ter enviado enfermeiras ao mosteiro.

O trecho sobre as mensagens especiais que o Santo Pai enviou às irmãs doentes também me fez lembrar da imagem da antiga abadessa, Irmã Maria Rosa. Ela descobriu que tinha câncer quando estava prestes a concluir seu mandato como abadessa, já em idade avançada. Mesmo na dor extrema, sempre transmitia paz, bondade e paciência. Qualquer pessoa que a conhecesse podia admirar sua “resistência pacífica à doença”. E, de fato, suas dificuldades foram pagas muito caro quando Deus a chamou para Casa durante a calorosa época do Natal (26 de dezembro de 2024), no amor de Deus, no amor fraterno do mosteiro e no amor da família franciscana. E temos certeza de que Deus a recompensará no Céu Eterno com a Mãe Maria, a quem ela tanto amava. Além disso, as irmãs idosas e doentes também me fazem admirar sua paciência, sua doçura ao suportar a doença, sua vida de oração fervorosa e fiel, e seu espírito alegre e positivo. As enfermeiras são tão carinhosas e atenciosas quanto boas mães.

*Ir. Anna Agnese, osc*  
dvclaratd@yahoo.com



<sup>1</sup> **Tét**, abreviação de Tét Nguyễn Đán, é a celebração mais importante da cultura vietnamita. O Tét celebra a chegada da primavera com base no calendário vietnamita e geralmente ocorre em janeiro ou fevereiro no calendário gregoriano.



## ...em Mairena del Aljarafe, Espanha

### HISTÓRIAS PARA ORAR - De dentro de um hospital

*Este texto foi escrito na sala de espera do hospital, onde várias Irmãs passaram três meses, revezando-se, esperando que uma de nós se recuperasse e saísse da unidade de terapia intensiva. Nessa sala, conhecemos muitas histórias de doentes e de suas famílias. Foi um espaço de escuta, oração e intercessão.*

Passamos três dias na “sala de estar” de familiares, na UTI do hospital. É um recinto, Senhor, onde o tempo se torna eterno sem ser o céu e o mundo nos levou mais próximo da grandeza do sofrimento humano.

Acomodadas nas cadeiras, esperamos as três visitas diárias que os enfermos desta unidade podem receber, sempre, claro, por trás de um vidro.

Cada manhã depois da primeira visita, os familiares esperam a entrevista com o médico. O ânimo do dia depende em parte dela. O sorriso aflora nos rostos com a melhora do en-





te querido. As lágrimas e o temor quando o enfermo piora. Há tensão, sempre. Disso se encarrega um telefone que toca dia e noite, através do qual, a unidade de cuidados intensivos chama a família se há algum problema: uma intervenção cirúrgica imprevista, um agravamento do enfermo ou simples e friamente para comunicar que morreu.

Senhor, escutamos histórias que partem a alma, que relativizam os cuidados deste mundo traiçoeiro, destinos que se desfizeram num instante:

O instante, por exemplo, de Julian, 17 anos. Sofreu um acidente de moto e um segundo sem circulação no cérebro o deixou em coma profundo para toda a vida; ou os segundos que foram insuficientes para Pilar, de 25 anos, desviar-se de um “louco” que invadiu seu caminho a cento e oitenta por hora e lhe esmagou o rosto e quebrou a maior parte de seus ossos. Ou o instante do infarto de Alonso, um pobre homem, pai de família que se agarra à vida com todas suas forças apesar dos médicos assegurarem seu fim. Em apenas alguns momentos Juan e Yanelis tiveram de decidir para salvar a vida de seu filho e trazê-lo ao mundo com seis meses e novecentas gramas. O tumor cerebral da mãe não podia esperar.





Estas são histórias para rezar, para ilustrar com nomes conhecidos os salmos de Laudes, a Palavra de Deus de Vésperas, o responsório de Noa, o hino de Completas. Histórias que põem rosto e voz ao artigo de nossas constituições, que fala de se fazer súplica permanente apresentando ao Pai as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens. Histórias para não se dormir em berço esplêndido na oração da manhã, nem debruçar-se sobre o próprio umbigo e alargar o horizonte em que tantas vezes somente meu “eu” importa.

Nunca, antes, foi tão necessário, para mim, falar de esperança, adentrar-me nas dores e sofrimento da vida humana e escutar a alma aflita de uma mãe, de um pai, de uma esposa, de uma filha, de um irmão; crer que, assim como não há noite que não acabe no amanhecer, tampouco existe sofrimento que não seja consolado em Ti, Senhor, porque como dizia alguém, os cristãos não são ameaçados de morte, mas de ressurreição. A todos e a cada um deles, entrego em Tuas mãos, Pai.

*Ir. M. José Hidalgo López, oic  
majosehidalgo@gmail.com e <http://www.beticaoic.org/>*



**...visto que cada uma será rainha no céu, coroada com a Virgem Maria.**

## **...em Mbarara, Uganda**

**"Não olhe para a vida de fora, pois aquela do Espírito é melhor" (São Francisco)**

Quando chega a hora de contar as maravilhas que Deus opera em nossas comunidades, ficamos sem palavras e não conseguimos expressar tudo completamente.

De fato, a Providência divina surpreende-nos sempre.



Nos últimos meses, o tema de nossa vida clariana, "Não olhe para a vida de fora, pois a do Espírito é melhor" (a exortação do Padre São Francisco a Santa Clara e suas irmãs em São Damião), proposto por nossos editores do cTc, é surpreendentemente em linha com o tema de nossos Exercícios Espirituais anuais propostos pelo Pe. John Baluku ofmcap: "A vida no Espírito". E acredito firmemente que isso não é uma mera coincidência, mas a extraordinária providência de Deus.

A vida no Espírito que nossa Mãe Santa Clara nos indicou foi introduzida nesta pérola da África, Uganda, pelas nossas mães fundadoras de Nancy (França) em 1967. Das oito fundadoras, apenas uma



ainda vive: a nossa querida mãe e irmã M. Roseline. Nossa irmã celebrou seu Jubileu de Diamante na solenidade de Madre Santa Clara do ano passado (2024). Inútil dizer que foi um momento cheio de graça ao lembrarmos as maravilhas da vida consagrada Clariana ao longo destes 60 anos. A cerimônia foi privada, celebrada ao interno da nossa comunidade, a pedido da nossa irmã jubilar. Irmã M. Roseline escolheu passar o resto de sua vida na África, para nossa imensa alegria e admiração. O seu nome africano, que ela abraça de coração e totalmente, é *Ndyowaha*, que significa literalmente “vim aqui para ficar”.

Ouvimos muitas histórias de mães que criaram raízes na nossa terra, com as alegrias e os desafios que tal escolha comportava. Na época da fundação do nosso mosteiro, a nossa Igreja era uma Igreja jovem, com poucos sacerdotes e religiosos e com grande procura de trabalhadores na vida apostólica.

A vocação das Irmãs Pobres de Santa Chiara, totalmente dedicadas à contemplação e à “vida no Espírito” dentro dos muros do claustro, foi uma escolha inédita e incompreendida. “As mulheres africanas não podem abraçar uma vida de silêncio”, alguém ousou dizer. Assim, surgiram diversas propostas às nossas fundadoras logo no início: trabalhar na imprensa, ensinar nas escolas, trabalhar nos hospitais...

Uma das qualidades do Espírito Santo, como se vê nos Exercícios Espirituais, é que o Espírito é o Paráclito. Com o





Espírito Santo coisas impossíveis se tornam possíveis (cf. *Lucas 1:38*).

Não foi precisamente isso que o Pai São Francisco recomendava à madre Santa Clara e às suas irmãs em São Damiano? “Não olhes para a vida de fora, pois a do Espírito é melhor”.

“Feliz é você, que pode participar desse banquete sagrado para unir-se com todas as fibras do coração àquele cuja beleza todos os batalhões bem-aventurados dos céus admiram sem cessar, cuja afeição apaixonada, cuja contemplação restaura, cuja bondade nos sacia, cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente, cujo perfume dará vida aos mortos, cuja visão gloriosa tornará felizes todos os cidadãos da celeste Jerusalém, pois é o esplendor da glória eterna, o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha. Ao seu perfume os mortos ressuscitam e a visão gloriosa d’Ele formará a felicidade dos cidadãos da Jerusalém celestial” (Santa Clara).

Parabéns e muitas felicidades à nossa querida madre Ir. Mary Roseline. Não conseguiremos nunca agradecer o suficiente a você e as nossas queridas fundadoras por trazerem esta maravilhosa Forma de Vida ao nosso continente africano. Que o espírito missionário que moveu você e todas as outras fundadoras dos vários mosteiros da África vos acompanhe sempre para fazer brilhar e





arder a chama do carisma clariano entre nós. Que esta chama continue a moldar muitas filhas fervorosas, que com corrida veloz, passo leve, pé seguro, avancem com confiança e felicidade no caminho da bem-aventurança.

Que nossa mãe Santa Clara e nosso pai São Francisco intercedam por todas nós.

*Ir. Mary Elizabeth Tushabe, osc*  
klaramaria2012@gmail.com





## ...em Borgo Valsugana, Itália

### **A presença Clariana na região de Trento e a venerável Giovanna Maria della Croce (Bernardina Floriani)**

Já faz quarenta anos, para ser exato, no dia 25 de agosto de 1984 se passaram duzentos anos do tempo da supressão da presença do carisma clariano na região de Trento. No entanto, agora, sob o insistente pedido do arcebispo Alexandre Maria Gottardi e dos frades menores, quatro irmãs provenientes dos Protomosteiro Santa Clara de Assis iniciaram a fundação do mosteiro localizado na aldeia de Valsugana, no convento cedido pelos frades.

Estas são algumas palavras do arcebispo Monsenhor Alexandre Maria Gottadi, extraídas da saudação pronunciada na Igreja de S. Clara em Trento, por ocasião da recepção das clarissas na diocese acontecida no dia 25 de agosto de 1984: *“Em 1218 S. Francisco vai à Terra Santa e se encontra pessoalmente com o sultão: é uma embaixada de paz, que, no entanto, não consegue parar a lógica da violência, mas ao mesmo tempo mostra à consciência humana a certeza de que é possível encontrar-se. Na Terra Santa S. Francisco provavelmente teve a oportunidade de conhecer o bispo de Trento, Frederico di Vanga. É muito provável que os dois personagens tenham se encontrado. Na cidade de Accon, onde Vanga morreu, no momento era bispo Tiago de Vitry, futuro colaborador do papa Gregório IX em Roma, grande protetor e amigo de Francisco e dos franciscanos. O mesmo papa, quando visitava a Itália tinha se dado conta das prementes necessidades de reforma existentes na comunidade cristã; não é, pois, de estranhar que depois da vinda dos Frades Menores a Trento, estando Francisco ainda vivo, Gregório IX teve uma atenção especial por Trento – que então já era uma importante via de comunicação com o norte da Europa – e que além dos Frades, aí também fincaram o pé as Irmãs de Sta Clara”.*



Destas palavras se pode deduzir que a presença da Ordem das Irmãs Pobres tinha uma presença na região de Trento já nos seus inícios e em estreita união com a expansão missionária da Ordem dos Frades menores, mas também em dependência com a experiência penitencial existencial contemporânea da Ordem de S. Damião. A partir de um mosteiro de Verona pertencente ao movimento da Ordem de S. Damião de fato chegam a Trento as primeiras monjas para, em 1227, abrirem um mosteiro. Inicialmente o mosteiro estava dedicado a S. Miguel, mas depois da transferência da comunidade claustral para dentro dos muros da cidade, toma por nome “Sta. Clara”. Após a supressão das ordens religiosas acontecida no primeiro decênio de século XIX, o nome de “Sta. Clara” passará a ser o nome do Hospital que fora colocado dentro da estrutura conventual e, sucessivamente, à sede universitária de Trento. Na pequena Igreja do mosteiro, reaberta ao culto nos últimos decênios, continuava a adoração eucarística quotidiana, expressando assim uma forte dependência espiritual com Clara de Assis e seu amor pela Eucaristia.

Três séculos depois, ao redor de 1500, em Trento surge um outro mosteiro dedicado à SS. Trindade (hoje é a sede do liceu Prati). Ambas as comunidades se beneficiaram da assistência espiritual dos Frades Menores reformados que as ajudaram a manter vivo o carisma franciscano, apesar das aberturas frente à pobreza previstas na regra de Urbano IV.

No século XVII na região de Trento, mais exatamente em Rovereto, acontece uma experiência de vida clariana que desejava voltar ao carisma original de S. Clara, graças a Bernardina Floriana, a venerável Giovanna Maria della Croce (Rovereto 1603-1673). Era uma figura singularmente mística que, em pleno pós-Concílio, fundou junto à Igreja de São Carlos em Rovereto um mosteiro para o qual redigiu constituições, retomando a forma radical de pobreza abraçada por S. Clara. A grandeza de Giovana Maria, mística da misericórdia divina, é evidente ainda mais em relação



ao seu tempo. Era herdeira do concílio tridentino que se propunha como objetivo uma nova resposta católica frente ao rigorismo protestante que tinha conquistado a Europa e, em particular, as regiões do norte da Itália. Giovana Maria queria reconquistar os corações dos fieis na confiança em Deus, cujo rosto é Amor. A profunda e terna sensibilidade humana e eclesial de Giovana Maria tinha vislumbrado nos vales da região de Trento um lugar providencial para o encontro com os irmãos através da dimensão humana testemunhado pelo anúncio do rosto amável de Deus e da aliança sponsal com a Cruz. Por isso propõe a abertura de conventos franciscanos nos diversos vales e desejará que a partir do Mosteiro de S. Carlos, a fundação de mosteiros em terras alemãs e italianas. Ela somente realizará a fundação do Mosteiro de S. Ana no vilarejo de Valsugana que vem à luz em 1673, ano da sua morte. A presença dos Frades Menores na pequena cidadezinha de Valsugana precedeu alguns decênios a fundação do mosteiro: também para Giovana Maria, como também já o era para Sta. Clara, a sintonia com os frades sempre foi fundamental.

Entre os fins do século XVIII e início do século XIX, dramaticamente, por parte dos habsburgos e de Napoleão, aconteceu a supressão de diversos mosteiros. Mas em 1973, exatamente por ocasião da celebração dos trezentos anos da morte da venerável Giovanna Maria da Cruz, começou-se a falar sobre a possibilidade da reabertura de um mosteiro de clarissas na diocese.

A acolhida do nosso “retorno” a esta terra quarenta anos atrás, foi afetuosa e calorosa e continua a ser expressa ainda hoje com benevolência, estima, delicadeza e atenção a nós, revelando o quanto fora a espera por parte das pessoas, da diocese e dos frades. Todos os dias nos damos conta, com enorme gratidão, de quão imerecido é esse dom, a distância entre esse bem querer, esse afeto gratuito e nossa pobre resposta...

Nestes quarenta anos, a partir do núcleo inicial de irmãs, chegaram jovens para iniciar um discernimento. Isso fez



com que algumas abraçassem o carisma de Sta. Clara respondendo ao dom da vocação. Hoje são 11 irmãs: uma pequena família que procura viver o Evangelho.

Aquilo que Giovanna plantou silenciosamente produziu raízes, aparentemente sem produzir fruto pelo motivo das supressões. No entanto, contém as características da vocação específica da nossa Diocese à qual S. Paulo VI confiou a missão de ser “porta” ecumênica de catolicidade em direção à Europa.

*“No tempo do Concílio a cidade de Trento fora escolhida para facilitar o encontro, para servir de ponte, para oferecer o abraço da reconciliação e de amizade. Trento, no entanto, não teve essa alegria e essa glória. Esta deverá servir ainda hoje de símbolo deste desejo, um desejo sempre mais vivo, implorante, paciente e orante. Com a firmeza de sua fé católica, essa não deverá ser um limite a não ultrapassar, mas abrir uma porta; não se fechar ao diálogo, mas mantê-lo aberto; não mostrar os erros, mas procurar virtudes; não esperar o que não aconteceu em quatro séculos, mas fraternalmente ir em busca. É isso que o novo Concílio, continuando o antigo, com a ajuda de Deus, quer fazer; e é isto que vós, mais do que qualquer outro na Igreja de Deus, deveis entender e ainda, como a Providência irá sugerir, cumprir!”* (Mandato do beato Paulo VI à Igreja de Trento, 8 de março de 1964).

O desejo que nos anima é aquele de se colocar nesta trilha, antes de tudo, na simplicidade diária que internamente é feita por meio da oração, trabalho, relações fraternas e externamente por meio da participação orante na missão da Igreja universal e local, na comunhão com os vários rostos da Igreja local, com nosso bispo, com os padres e religiosos, com as paróquias da região de Trento que seguidamente chegam com a gurizada da iniciação cristã, pelo acolhimento, escuta de todos que vem até o mosteiro em busca de uma palavra, de um acompanhamento e de um confronto no caminho da fé e da vocação. Mas todo desejo permanecerá aberto ao sopro do Espírito que “sopra



onde quer”, por isso todo carisma tem necessidade de encarnar-se na vocação da Igreja local porque é “o Espírito que fala às Igrejas” a fim de que resplandeça traços da infinita beleza do rosto de Cristo. Portanto, sim, neste tempo de grandes e velozes mudanças, de desafios de integração da diversidade, de solidariedade econômica, de humanização das relações, de procura do diálogo e de paz, neste tempo que tem sede de esperança permaneçamos na escuta para receber do Espírito, junto com vocês, o dom sempre novo desta vocação.

Os manuscritos da Venerável foram publicados pela SISMEL, de Florença:

<https://www.sismel.it/autorimedievali/1365-giovanna-maria-della-croce>

*As irmãs de Borgo Valsugana*  
monasterosandamiano@pcn.net



# Nós recebemos

---

## Clara e os estigmas de Francisco

*Antonianum*, 24 de agosto de 2024

[\*continuação do n. 64\*](#)

Francisco morreu em 1226 e Clara diz-nos que esta foi uma experiência difícil, na qual ela própria tocou novas profundidades de fragilidade (*TCL* 38). Durante o tempo decorrido até escrever pela primeira vez a Inês de Praga (quase dez anos depois), Clara foi absorvendo e refletindo sobre os Estigmas. Esses dez anos de meditação podem ser uma explicação para o facto de ela nunca ter mencionado este extraordinário mistério nos seus escritos. Imagino que ele se tenha integrado completamente na sua vida e na sua oração e, mais ainda, no que ela entendia como o santo serviço de *Cristo Pobre e Crucificado* (*1CCL* 13). Esta longa meditação concedeu-lhe, creio, uma nova visão dos sofrimentos de Cristo e, por conseguinte, uma nova compreensão da *troca* realizada quando o *Verbo se fez carne*. Clara parece constantemente maravilhada – e ela própria o escreveu, especialmente na segunda carta – com a imensa grandeza desta troca, pensamento que lhe foi dando novas perspectivas sobre o mistério da Encarnação, que ela entende como um encontro de extremos. O mais belo tornou-se o mais vil (*2CCL* 20) e Clara parece ter-se deixado envolver totalmente pela amplitude e profundidade desta troca de Cristo.

Em 1234, Clara começou a encontrar formas de exprimir a mudança radical de percepção que ela própria tinha experimentado. As suas primeiras cartas a Inês são amplamente influenciadas pela Carta de Francisco a todos os Fiéis. O seu imaginário é feudal, repleto de estandartes, resgates e reconciliações, culminando no seu cântico de louvor à Pobreza. É neste contexto que ela tenta apresentar a Inês a inversão de valores que ela própria experimentou. Para Clara, este processo tinha começado há já muito tempo, mas



não há dúvida de que os Estigmas lhe deram uma nova medida para compreender tudo o resto. O que ela propõe a Inês não é tanto uma reversão completa de tudo quanto Inês tinha conhecido até então (embora também o seja), mas antes uma visão inteiramente nova dos grandes temas da fé, da redenção, do amor e da entrega. Para Clara, a partir de então tudo passou a ser visto à luz da Encarnação. Ao escrever sobre isso, é empurrada para novos domínios, de modo que a sua linguagem é rica em imagens e cores feudais, como se, tendo “deixado o mundo”, regressasse a ele como uma nova mulher num novo mundo. O estandarte que carrega é o da virgindade e da pobreza, mas graças aos Estigmas, estas duas palavras familiares são, de alguma forma, invertidas: libertas dos significados da renúncia, da perda ou de qualquer conotação negativa, conduzem-na ao rico e vibrante mundo do Crucificado Amante, de modo que Clara pode dizer com a esposa do Cântico dos Cânticos: *erga diante de mim a sua bandeira de amor (Ct 2, 4)*.

A partir de então, os Estigmas parecem ter-se tornado o padrão segundo o qual Clara mede a autenticidade e verdade de tudo. Deram-lhe uma nova perspectiva sobre o verdadeiro significado da Encarnação pois, a cada instante, Clara foi levada a repensar o sofrimento, o amor e a alegria. Via-os fundir-se uns nos outros, ou – melhor dizendo – aprendeu com Francisco que o sofrimento poderia vir revestido de tal amor, que a dor e a alegria chegavam a ser próximas ou até uma só realidade. Recordemos que foi precisamente isso que Francisco pediu em oração quando subiu ao monte para a Quaresma de São Miguel: partilhar com Cristo toda a Sua dor, mas também todo o Seu amor e toda a Sua alegria, tanto quanto fosse capaz. É assim que os pensamentos de Clara podiam passar do sofrimento à alegria, da morte à vida, da pobreza ao esplendor. Clara só pode ter aprendido isto com o próprio Francisco, quer pelas suas palavras ou simplesmente observando-o em São Damião, enquanto ele mesmo aprendia a viver nesse novo lugar de alegria e dor. Observar e reflectir sobre a intensa união de Francisco com Cristo também permitiu a Clara explorar novas profundezas



na sua própria vocação. Dessa exploração, Clara extraía continuamente novas percepções sobre a realidade da virgindade e da pobreza.

Imagino que os Estigmas de Francisco a tenham conduzido a um mundo transformado em que a sua meditação anterior sobre a Encarnação se tornou então algo muito mais multidimensional do que podemos imaginar. Clara não falou sobre isso, pois todas as palavras eram insuficientes, mas sabia que estava, de alguma forma, ligado ao convite que lhe tinha sido feito e às outras irmãs, para se tornarem, como escreveu a Inês, irmãs, esposas e mães do Filho do Pai Altíssimo e da Virgem gloriosa (1CCL 24). Na vida de Francisco, Clara viu com os próprios olhos um vislumbre do que a Paixão de Jesus implicava. Procurando paralelismos para o explicar a Inês, Clara encontra ecos que faziam muito sentido na sua cultura (embora na nossa não) no vínculo feudal de lealdade do jovem cavaleiro para com o seu senhor feudal. Ela via que o serviço ao qual Inês tinha aderido era um compromisso cada vez mais profundo com o seu Senhor Pobre e Crucificado: Inês já não estava no seu mundo antigo de riquezas reais, mas no novo mundo que encontra valor em outras coisas além da riqueza e da glória. Todas essas imagens surgem da sua cultura feudal e estruturada e teriam feito perfeito sentido para ambas, pois eram filhas desse mundo e dessa cultura, do mesmo modo que as metáforas dos Jogos Olímpicos fazem algum sentido para nós, que não precisamos de explicações para entender sobre ouro, prata e bronze.

Ora, se Inês, Princesa da Boémia, esperava que Clara lhe enviasse uma carta de boas-vindas vaga, contendo algumas cortesias educadas, deve ter ficado bastante surpreendida. Presumivelmente, Clara sentiu que a sua primeira carta tinha sido bem recebida e, muito provavelmente, teve uma resposta que não chegou até nós. (Alguém procurou na biblioteca ou nos arquivos do Vaticano cartas de Inês, tanto para Clara como para Gregório IX e posteriores papas? Parece ter sido uma prolífica escritora de cartas e,



como irmã de um rei influente e poderoso, não tinha necessidade de ser tímida ou reservada. É estatisticamente improvável que toda a sua correspondência tenha desaparecido sem deixar rasto). Na sua *Primeira Carta* a Inês, Clara diz mais sobre os valores invertidos de uma pobreza que negocia na moeda da eternidade (1CCL 15). Depois, a partir desse mesmo pensamento, Clara começa novamente a focar-se nos sofrimentos de Cristo.

É interessante notar quão físicos são os verbos que ela utiliza. Ela fala sobre tocar, ser abraçada, ser adornada, ser cercada – todos os verbos retirados do martírio de Santa Inês (1CCL 8-11). Ela diz-nos que o Senhor *quis ser visto* (1CCL 19) pelos que estavam a morrer de fome (1CCL 20). Clara refere-se às competições atléticas de Assis, nas quais os jovens, nus e untados de óleo, lutavam juntos pela glória nos jogos da cidade (1CCL 27). Esta abordagem muito visual e tátil também levanta outra questão, pelo menos para mim, sobre a natureza dos Estigmas de Francisco. Como é que eles realmente se apresentavam? O que é que as outras pessoas realmente viam? Eram cinco feridas bem definidas como os artistas tendem a mostrá-las ou o seu corpo inteiro estava ferido e traumatizado, como se fosse pela crucificação? O seu corpo mostrava sinais de outros sofrimentos de Cristo, como a flagelação, por exemplo? Ou a deslocação que vinha do peso sobre os seus ombros? Não nos é dito nada sobre isso e Celano não dá qualquer indicação, mas é possível que, nesta passagem da sua *Segunda Carta*, possamos ter um vislumbre de como a meditação de Clara passava de Francisco para Cristo e vice-versa. Ela diz: «Contempla-O desprezado por teu amor e segue-O tornando-te desprezível por Ele neste mundo. Contempla, nobre rainha, o teu Esposo. Sendo o mais belo dos filhos dos homens, transformou-se, para tua salvação, no mais desprezível dos mortais. Morreu na Cruz, no meio dos maiores sofrimentos, golpeado e vezes sem conta açoiado em todo o corpo (2CCL 19-20)». Se olharmos para a sua *Terceira Carta*, veremos que a sua meditação se apro-



fundou ainda mais. Nela, Clara reúne várias correntes ricas de pensamento e é nesta carta que reflete sobre o espelho. O seu pensamento sobre a alma humana cresceu imenso em profundidade e Clara faz uma ligação entre Francisco e o espelho. Esta imagem de espelho era amplamente conhecida na Idade Média, mas Clara adiciona-lhe uma dimensão própria, e eu pergunto-me se isso se deve ao que ela aprendeu com Francisco nesses últimos dois anos de sua vida. Clara diz-nos claramente que todos somos chamados a ser espelhos da Divindade e que essa transformação acontecerá na medida que nos abandonarmos totalmente à nossa vocação neste mundo, ou seja, ser *a Sua mansão e o Seu trono e levá-l'O espiritualmente* (3CCL 22.24 ).

Clara tinha visto os Estigmas de Francisco com os seus próprios olhos e estes conduziram-na diretamente ao mistério da Encarnação. Ela tinha visto Francisco, o espelho do Deus crucificado. Será que era isto o que Francisco mais desejava? Será que esta era a forma mais verdadeira que Francisco teria aceitado para discernir e compreender quem ele realmente era? Porque motivo Clara fala frequentemente do reflexo no espelho quando, nesse mesmo espelho, se pode ver a realidade objetiva? Francisco era reservado em relação aos Estigmas por várias razões, mas uma delas deve ter sido por embora saber muito bem que as feridas eram de Cristo e não dele, não estar tão certo de que todos os outros fossem capazes de fazer essa mesma distinção clara. No entanto, vemos que Clara fez essa distinção, que compreendeu e que, para ela, o espelho remetia directamente para Aquele que nele se refletia. Francisco era o espelho, mas Aquele que Clara via neste espelho era Cristo. Quando ela nos diz para transformar todo o nosso ser numa imagem da Divindade (3CCL 13), ela fala como alguém que viu que isso pode ser feito. Ela era alguém que olhou para o espelho de Francisco e viu Jesus Cristo e, de certo modo, os Estigmas apenas autenticaram essa visão. Na verdade, a questão não eram os Estigmas, mas sim a transformação numa imagem da Divindade e, nesse sentido,



Francisco foi o pioneiro e o verdadeiro espelho. Nesse espelho, ela viu claramente a santíssima pobreza, a santa humildade e o amor inefável além das palavras do Pobre Crucificado. Será que Francisco também lhe deu um vislumbre desse amor inefável e do que realmente significa quando a alma se *torna Sua mansão e Seu trono* (3CCL 22)?

Pergunto-me se a verdadeira razão pela qual Clara fala tão pouco sobre Francisco é porque, na realidade, ela falava dele o tempo todo, apesar de isso nunca sobressair uma vez que Francisco, como um verdadeiro discípulo, a conduziu sempre diretamente ao Filho de Deus. O seu amor por Francisco era bastante diferente daquele que lhe dedicavam a senhora Jacoba de Roma, ou Filippa Mareri de Rieti. Podemos perder-nos se nos deixarmos distrair pela relação representada, por exemplo, no *Irmão Sol e Irmã Lua* ou em vários outros livros e filmes. Clara era absolutamente determinada. Ela amava e reverenciava Francisco e sofreu profundamente quando ele morreu, mas o seu olhar nunca se deteve em Francisco, pois estava sempre orientado para o Pobre Crucificado.

Acho que podemos resumir dizendo que, longe de estar em silêncio sobre os Estigmas, Clara dá-nos uma nova compreensão do significado e do poder dessas feridas. Isso é particularmente verdade na terceira e quarta cartas, nas quais ela nos descreve o que viu no espelho de Francisco. Se lermos as passagens de Clara sobre os sofrimentos de Cristo como descrições do espelho de Francisco, aprendemos mais sobre os estigmas e também começamos a compreender melhor o que ela entende por pobreza, virgindade e, acima de tudo, por amor. Agora entendemos que Francisco está aparentemente ausente dos seus escritos porque, como João Baptista, ele diminuiu e Cristo cresceu, que é exatamente o que Francisco sempre desejou (Jo 3,30).

*Ir. Frances Teresa Downing, osc*  
francesteresa.downing@gmail.com



## «São Francisco estigmatizado. A inovação materno-sacerdotal das criaturas»

*Quem lê o livro "São Francisco estigmatizado, A Inovação Materno-Sacerdotal das Criaturas", do Pe. Dario Chiapetti, ofm, é arrastado para a mesma experiência que o Poverello, a qual tem suas raízes na vida trinitária comunicada ao crente no batismo.*

*Se, portanto, a leitora é uma Irmã Pobre de Santa Clara, pode sentir-se confirmada na consciência de que Clara participa dessa experiência, recebendo dela a vida, partilhando essa vida e, por sua vez, gerando-a: filha, irmã, mãe.*

*A estigmatização é assumida pelo autor como chave do caminho cristão de Francisco e constitui o coração da obra. No entanto, no "Centenário dos centenários", no qual percorremos os três últimos anos da vida de Francisco, é estimulante, além de uma preciosa oportunidade, considerar o fecundo dinamismo surgido do acontecimento dos estigmas. São Damião, na proximidade fraterna e carismática de Clara e das irmãs, abertas à ação do Espírito Santo, foi o guardião e o seio desse dinamismo. O texto a seguir oferece um ensaio muito breve.*

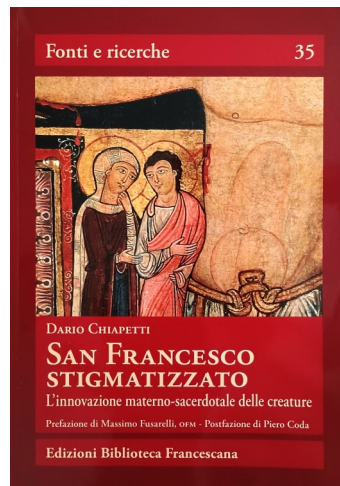
A vontade de Francisco para com as Damas Pobres era que, reunidas de diversas partes em santa caridade, vivessem na pobreza, obediência, unanimidade na caridade, familiaridade de vida, satisfação discreta e contemplativa das necessidades do corpo, paciência nos trabalhos, para a glória e edificação da Igreja. A atenção colocada em «viver sempre na verdade», em seu conteúdo trinitário-mariológico, que estrutura a composição, e em sua conexão com a perfeição da unidade, parece revelar precisamente o conteúdo da forma de vida que Francisco experimentou com Clara e suas irmãs, de maneira inovadora, no acontecimento Alverne-Damianita, em virtude do centrado estauo-neumático, e que envolveu os frades aos quais ele



enviou para cantar a composição e, com o Cântico, a todos os demais fiéis e criaturas. Francisco passou, assim, de realizar ele mesmo sua relação materno-filial com as Damas Pobres a realizá-la com, em e por meio de seus companheiros, desencadeando essa transição também neles e nas irmãs, realizando-se assim o "reunidos em um" com seus companheiros, em virtude das Damas Pobres, e entre os frades e estas, em virtude de Francisco com Clara, e das Damas, em virtude dos frades.

Francisco-filho, no Alverne, passou por Clara-Leão-mãe, da aflição à consolação, foi estigmatizado, ou seja, nasceu, coração-alma-corpo, para o Pai: e foram os Louvores do Deus Altíssimo. Como mãe, Francisco abriu o mesmo caminho estigmatizador para Clara-filha e, assim, ela nasceu do Pai; na distinção homem-mulher, com relação a coração-alma-corpo, no Pai, toda a criação ficou estigmatizada: e foi o Cântico. Francisco-filho passou da tribulação, pelo agravamento de sua doença, ao consolo, graças ao Cântico, fruto da experiência de santificação com todas as criaturas, que entoou e fez entoar a seus companheiros — consolo recebido de Clara-filha e de seus companheiros-filhos e devolvido a ele por Clara-mãe e suas companheiras-mães. Para «maior consolo» (CAss 85: FF1617) de suas irmãs, e em virtude desse maior consolo próprio, como fruto da reciprocidade de receber a aflição e o consolo e da restituição do consolo, Francisco voltou a ser criador: as irmãs nasceram do Pai, coroadas pelo Pai: e foi o «Audite poverelle». (p. 404s)

*DARIO CHIAPETTI, São Francisco estigmatizado. A inovação materno-sacerdotal das criaturas*, Edizioni Biblioteca Francescana, Milão 2024, pp. 528





## «A Pureza do Coração» por Camilla Battista da Varano

Não há muitos autores de Camerino – especialmente literatos – que tenham ultrapassado a barreira do tempo e se tornado objeto de atenção universal. Camilla Battista da Varano é uma exceção, embora, é preciso dizer logo de início, ela não seja propriamente uma escritora que escolheu seguir esse caminho e, portanto, uma literata por definição. Antes, trata-se de uma figura de profunda espiritualidade que encontrou na escrita um complemento de sua vocação.

Nenhum outro autor de Camerino, nem mesmo o dramaturgo Ugo Betti, foi objeto de um estudo filológico tão minucioso, nem teve a honra de ser publicado em uma coleção tão prestigiada quanto a da Fundação Lorenzo Valla, editada pela Mondadori – o equivalente italiano das edições clássicas francesas *Belles Lettres* ou dos *Oxford Classical Texts* ingleses. Agora, por ocasião do quinto centenário da morte de Camilla Battista da Varano (1458-1524), chega às livrarias o volume "A Pureza do Coração e outros escritos", organizado pela pesquisadora Silvia Serventi, que dedicou anos de estudo à santa de Camerino. Como explicado na introdução da obra, trata-se da coleção completa dos escritos de Camilla Battista. O título do livro, "A Pureza do Coração", não foi escolhido por acaso. O tratado (assim chamado nas edições em língua vernácula) era conhecido por meio de manuscritos dos séculos XVII e XVIII. Giacomo Boccanera, com base nessas fontes, o publicou em sua coletânea "Obras Espirituais" de 1958, mas com um julgamento pouco elogioso: "A razão predomina sobre o sentimento". Além disso, ele situava a obra na fase madura da autora. Entretanto, algo novo ocorreu em 2009: foi descoberto na Biblioteca Universitária de Pádua um manuscrito do tratado



em latim e, na Biblioteca Cívica Berio de Gênova, uma edição em língua vernácula muito mais fiel ao texto latino e mais completa do que as versões conhecidas até então. Essas descobertas revolucionaram o conhecimento sobre "A Pureza do Coração", permitindo datar sua composição antes de 1502 e reconhecê-lo como "um verdadeiro e dulcíssimo canto nupcial (epithalamium dulcissimum), no qual a voz de Battista se entrelaça com a da Esposa do Cântico dos Cânticos, formando um único e refinado tecido literário". O tratado começa com dois prólogos distintos: o primeiro, fundamentado nas Escrituras desde a citação inicial do Evangelho de Mateus "Pedi e vos será dado"; o segundo, concentrado na descrição das "três coisas que [lhe] parecem extremamente úteis e apropriadas à alma que deseja alcançar os santos beijos de seu sereníssimo esposo celestial". São elas: a pureza da mente, a amorosa crucificação e a voluntária oferta de si mesmo. Camilla Battista adverte que nenhuma alma poderá ver o Senhor sem antes alcançar uma tríplice pureza: pureza de mente diante de Deus, diante do próximo e diante de si mesmo. A influência de São Francisco e Santa Clara de Assis é perceptível na obra. A voz de Camilla Battista se eleva clara, simples e vibrante, sem aparentar vir de uma mente repleta de erudição. O texto contém passagens e imagens profundamente emocionantes e memoráveis, como quando ela descreve a crucificação sob o sopro do Cântico dos Cânticos: "Esta dor é insuportável, este sofrimento é indizível. Ó dolorosa crucificação, quem poderia explicar o teu tormento? Por isso, vos suplico, amantes de Deus, digam a Ele que desfaleço de amor e que estou enferma." E a resposta vem: "O que o teu amado tem de diferente dos outros, ó tu, a mais bela entre as mulheres? Ó belíssima e ornada, ó suavíssima e resplandecente, não apenas entre as mulheres e as almas devotas, mas sentada entre os santos e os coros dos anjos."

Outros escritos de Camilla Battista. Além de "A Pureza do Coração", o volume reúne: "Carta a Giovanni da Fano" (também em latim, com tradução); "A Vida Espiri-



tual" (autobiografia); "As Dores Mentais de Jesus em Sua Paixão"; "Oração a Deus"; "Recordações de Jesus"; "A Feliz Morte do Beato Pietro da Mogliano"; "Memória do Olivetano Antonio de Segóvia"; "Instruções ao Discípulo"; "Carta a uma monja Vigária"; "Carta a Muzio Colonna"; "Carta a Battista Pucci" (médico da família da Varano). Foram removidas do volume as obras erroneamente atribuídas à santa. Um exemplo singular de literatura espiritual e humanista. A leitura atenta dessas obras levará inevitavelmente a reconhecer Camilla Battista da Varano como um caso singular de literatura espiritual e humanista. Ela adota o estilo e as formas literárias do Humanismo, mas sempre dentro do arcabouço sólido das Escrituras Sagradas.

A edição inclui um rico aparato crítico, notas detalhadas e uma bibliografia extensa, tornando-se uma obra única, sem precedentes desse nível. Ainda assim, reconhece-se o grande valor dos dois volumes publicados por Giacomo Boccanera em 1957 e 1958, que representavam o máximo que se podia alcançar com os conhecimentos da época. A capa do livro traz a reprodução de um afresco datado de 1540, descoberto em 2011 na igreja paroquial de San Pietro di Appennino, em Pieve Torina. Pintado apenas dezesseis anos após a morte de Camilla Battista, ele apresenta uma imagem doce e serena da Santa.

BATTISTA DA VARANO  
LA PURITÀ  
DEL CUORE  
E ALTRI SCRITTI  
A CURA DI SILVIA SERVENTI



FONDAZIONE LORENZO VALLA / MONDADORI

*Giuseppe De Rosa*  
Trecho de "Orizzonti della Marca"  
26 de outubro de 2024

BATTISTA DA VARANO, A Pureza do Coração e outros escritos, Fondazione Lorenzo Valla - Mondadori, Milano 2024, rileg., pp. LVIII-312

# Notícias do Ofício Pro Monialibus

---

## A Federação “Imaculada Conceição” das Clarissas do Peru

A Federação “Imaculada Conceição” das Clarissas do Peru e de outros países que a integram realizou a Assembleia Federal Ordinária de 18 a 22 de novembro de 2024, na Casa de Retiros das Irmãs Mercedárias da Misericórdia, em La Molina, Lima, Peru.

Na abertura, a Madre Presidente Johanna de Jesús, osc, informou à Assembleia sobre a incorporação oficial das nossas Clarissas de Los Angeles, Chile, à nossa Federação. Em 21 de novembro, realizou-se a Assembleia eletiva, presidida pelo Pe. Tomás Valencia, ofm, Assistente da Federação.

O Conselho Federal para o sexênio 2024-2030 é composto da seguinte forma:

Presidente: *M. Cecilia de San José*, Abadessa do Mosteiro de Lima, Peru.

Primeira Conselheira: *Ir. Johanna de Jesús*, do Mosteiro de Trujillo, Peru.

Segunda Conselheira: *Ir. Nelly de Dios Trino*, Abadessa do Mosteiro de Cusco, Peru.

Terceira Conselheira: *Ir. María Paulina*, Abadessa do Mosteiro de Los Ángeles, Chile.

Quarta Conselheira: *Ir. María de Carmen*, Abadessa do Mosteiro de La Florida, Santiago do Chile, Chile.

Ecônoma: *Ir. Teresita del Niño Jesús*, Abadessa do Mosteiro de Huanta, Peru.

Secretária Federal: *Ir. Imaculada do Mosteiro de Lima*, Peru.



## Associação Bikira Maria das Clarissas Pobres de Língua Inglesa na África

A 9ª Assembleia Geral da Associação Bikira Maria de Clarissas de Língua Inglesa na África foi realizada em Lusaka, Zâmbia, de 4 a 20 de maio de 2025. Tema: Clarissas Contemplativas no Caminho Sinodal: Definição, Identidade, Objetivos.

Foram eleitos por seis anos:

Presidente: M. *Lilato Sang'andu*, Abadessa do Mosteiro de Lusaka, Zâmbia.

Primeira Conselheira: *Ir. Mary Rose Aghanu*, Abadessa do Mosteiro de Ijebu-Ode, Nigéria.

Segunda Conselheira: *Ir. Catherine Kalima*, Abadessa do Mosteiro de Songea, Tanzânia.

Terceira Conselheira: *Ir. Imaculada Ayebare*, Mosteiro de Mbarara, Uganda.

Quarta Conselheira: *Ir. Regginah Kisaka*, Superiora da Fundação de Myanga, Quênia.

Tesoureiro Federal: *Ir. Lubingu Lunsonga*, do Mosteiro de Lusaka, Zâmbia.

*Sr. Tumelo Limata, osc*  
Secretária da Assembleia





## Federação “Regina Ordinis Minorum”, Itália

Em 21 de maio de 2025, no contexto da Assembleia eletiva desta Federação, celebrada na Casa de Acolhimento do Convento SS. Trinità em Baronissi, realizou-se a votação para a eleição da Presidente e do seu Conselho para o sexênio 2025-2031. O novo Conselho é composto da seguinte forma:

Presidente: *M. M. Bernardetta Daraio*, Mosteiro de Potenza.

Primeira Conselheira: *M. Angela Chiara Telesca*, Mosteiro de S. Lucia di Serino.

Segunda Conselheira: *Ir. Myriam Sagnotta*, Mosteiro de Nocera Inferiore.

Terceira Conselheira: *Ir. Chiara Rosaria Coppola*, Mosteiro de Pignataro.

Quarta Conselheira: *Ir. Nunzia Emmanuela Sodano*, Mosteiro de Nápoles.

Tesoureira Federal: *Ir. M. Virginia Vistocco*, Mosteiro de S. Lucia di Serino.

Secretária Federal: *Ir. Chiara Bernardetta Colangelo*, Mosteiro de Potenza.

*Ir. Chiara Teresa Marotta, osc  
e Ir. Gabriella Chiara De Angelis, osc  
Secretárias da Assembleia*





## Federação “S. Clara e S. Inês de Assis”, Itália

Dia 29 de maio de 2025, na Casa Divino Mestre de Ariccia (Roma), sob a presidência de Frei Luca Paraventi OFM, Assistente religioso, a Assembleia Federal ordinária da Federação S. Clara e S. Inês de Assis realizou a eleição da Presidente e de seu Conselho para o sexênio 2025-2031.

Resultado das eleições:

Presidente: *M. Chiara Cristiana Mondonico*, Mosteiro de Gubbio.

Primeira Conselheira: *Ir. Chiara Amata Ruggiero*, Mosteiro de Orvieto.

Segunda Conselheira: *Ir. Sara Donata Isella*, Mosteiro de S. Inês de Perugia.

Terceira Conselheira: *Ir. Chiara Damiana Galimberti*, Mosteiro de Foligno.

Quarta Conselheira: *Ir. Chiara Ester Mattio*, Mosteiro de Città de Pieve. Foligno.

Ecônoma Federal: *Ir. Ester Cristiana Bracchi*, Mosteiro de Trevi.

Secretária Federal: *Ir. Chiara Noemi Bettinelli*, Mosteiro de Cademario.



*Ir. Chiara Noemi Bettinelli, osc*  
Secretária da Assembleia



**Convidamos as Federações  
que celebram  
suas Assembleias eletivas  
a nos enviarem os nomes  
das Irmãs eleitas  
e dos seus Mosteiros,  
para podermos publicar  
na nossa Revista e na *Acta Ordinis***

**Obrigada!**

## ♦ **À vossa atenção**

Enviar as **contribuições** para o FUNDO CLARISSE por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA**.

Para efeitos contabilísticos, é favor enviar uma cópia da transferência bancária **por fax** para **06 68491414** ou por correio eletrónico **moniales@ofm.org**

<b>Banco:</b>	<b>Banca Popolare di Sondrio</b> Sede di Roma Viale Cesare Pavese, 336 - Roma
<b>IBAN:</b>	<b>IT53E0569603211000004794X45</b>
<b>Denominação:</b>	Casa Generalizia Ordine Frati Minori
<b>BIC-SWIFT:</b>	POSOIT22
<b>Endereço do beneficiário:</b>	Via Santa Maria Mediatrice, 25 00165 Roma - Italia
<b>RAZÃO</b>	<b>(Fondo Clarisse – Voce FFI)</b>



**OFM**

ORDO FRATRUM MINORUM

**Comunhão e Comunicação**

Número 65 | Junho 2025